Empresas&negócios

Porto Alegre, segunda-feira, 29 de julho de 2024 | Ano 23 - nº 30 | Jornal do Comércio

TÂNIA MEINERZ/JC

REPORTAGEM ESPECIAL

Tragédia no RS destaca urgência ambiental

Os desafios climáticos, embora não sejam novos, têm ganhado destaque significativo nos últimos anos. Discussões sobre o tema ocorrem há décadas entre líderes mundiais, mas a frequência e a intensidade de eventos extremos como chuvas torrenciais, ondas de calor, terremotos e secas severas aumentaram a urgência de medidas. Essas mudanças afetam não apenas o cotidiano das populações, mas também o funcionamento dos ecossistemas. Consequências já são sentidas na biodiversidade e na economia. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as alterações climáticas tiveram um efeito devastador em 2024, causando a maior tragédia climática do Estado.

LEIA NAS PÁGINAS 6 A 11

Editor-Chefe: Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br
Editora de Economia: Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br
Editora-assistente: Cristine Pires
cristine.pires@jornaldocomercio.com.br
Diagramação: Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Muller

Opinião

Quatro razões para a movimentação de executivos

Felipe Ribeiro
Sócio da Evermonte Executive Search

Ao contrário do que pode parecer, o mercado executivo não se movimenta apenas em ciclos econômicos ascendentes. Nos ciclos de maior instabilidade também ocorrem mudanças impulsionadas pela busca de alternativas para resolução de problemas, por novas oportunidades de receitas e redução de custos ou, então, por questões de sobrevivência do negócio. Quem opta por seguir esse caminho, inclusive, costuma obter êxito no movimento de ascensão. Nesse cenário, considerando a demanda por lideranças cada vez mais adaptáveis, é possível listar quatro razões para a movimentação de executivos – que não deixam de ser, também, quatro desafios para o processo de atração e retenção de talentos.

A primeira refere-se aos ciclos de entrega mais ágeis, ou seja, ao fato de que as empresas estão cada vez mais exigentes em relação ao tempo e à qualidade das entregas de seus executivos. Na prática, isso significa que aqueles que querem se destacar devem ser capazes de entregar bons resultados no curto prazo, ajustando-se às mudanças de modo assertivo. Essa tarefa, no entanto, não é individual: os gestores precisam estruturar suas equipes de tal maneira que as entregas coletivas estejam em consonância aos moldes de uma cultura ágil.

Outro motivo que contribui para a movimentação de executivos é a tendência de mandatos mais claros e curtos, fruto de um redesenho organizacional que vem ocorrendo há tempos no mercado. Antes, havia um anseio de prolongamento de carreira dentro de uma única organização. Hoje, por outro lado, com a multiplicidade de companhias na cena global, o executivo de longo prazo está dando lugar a visões mais céleres, e as cadeiras de liderança, no geral, estão evidenciando uma maior rotatividade.

Uma terceira razão é a dificuldade das "empresas de dono" em reter suas lideranças. Caracterizadas por uma estrutura em que o fundador ou a família fundadora mantém um controle significativo, essas organizações, historicamente, operam sob um modelo em que a tomada de decisões é centralizada e as instruções são transmitidas de cima para baixo. Esse estilo de gestão pode ser eficaz em ambientes estáveis e previsíveis, mas tem se mostrado inadequado para os desafios dinâmicos do mundo moderno. Logo, a falta de uma estratégia sólida pode gerar desmotivação e insegurança, resultando na saída dos líderes em busca de empresas com objetivos bem delineados.

Por fim, no âmbito internacional, as decisões se encaminham para um movimento de desaceleração. Mas por que executivos brasileiros estão se movimentando ainda mais? A resposta está, principalmente, na resiliência do mercado brasileiro. O agronegócio, por exemplo, se destaca como um dos maiores e mais eficientes do mundo, e hoje se caracteriza como um dos pilares da economia nacional. Além disso, o mercado de energia sustentável também tem crescido significativamente. Atualmente, nosso país possui vastos recursos naturais para a geração de energia renovável – como energia solar, eólica e hidrelétrica –, posicionando-se como um importante player no cenário mundial. Logo, para acompanhar as transformações intrínsecas a estes (e outros) setores, a demanda por talentos qualificados já é uma realidade.

Essas quatro razões reforçam a percepção de que os processos de atração e retenção de executivos são cada vez mais complexos, uma vez que a estabilidade de carreira não está mais atrelada à permanência ad aeternum em uma mesma companhia. O mundo está mudando. O mercado está mudando. As pessoas estão mudando. Às empresas, cabe questionar: o que estamos fazendo para acompanhar essas transformações?

EVERMONTE/DIVULGAÇÃO/JC

Outro motivo que contribui para a movimentação de executivos é a tendência de mandatos mais claros e curtos, fruto de um redesenho organizacional que vem ocorrendo há tempo

Segurança digital: proteja sua empresa do prejuízo

Diego Cruz
Engenheiro da Computação, especialista em Software, Tecnologia e Inteligência Artificial e Empreendedorismo

Vivemos uma realidade perigosa. A segurança não se trata apenas de integridade física ou ter seu patrimônio tomado por criminosos. Os avanços tecnológicos dos últimos anos nos colocaram em dependência direta de sistemas digitais, abrindo portas para uma nova realidade de golpes, que são muito menos palpáveis e visíveis a olho nu, porém, podem gerar um dano muito maior a pessoas ou empresas.

Golpes digitais geram inúmeros prejuízos para pessoas e empresas, perda de dinheiro, vazamento de dados de clientes, entre outros prejuízos, o que afeta diretamente a credibilidade de qualquer negócio.

Já foi o tempo em que seguranças armados ou cães eram o suficiente para manter o patrimônio intacto, hoje em dia não existe cão feroz o suficiente para manter um golpista longe das suas redes sociais ou do seu WhatsApp.

A realidade digital traz centenas de "vetores de ataque", que são basicamente meios em que um criminoso pode tentar realizar um golpe em suas vítimas, esses ataques são diversos, podendo ser simples e feitos diretamente contra pessoas até ataques mais sofisticados, buscando atingir serviços de hospedagens, servidores ou bancos de dados dos sistemas que a empresa utiliza.

O Brasil é um país com grande vulnerabilidade para ataques cibernéticos, não à toa, já sofreu mais de 100 bilhões de tentativas no último ano, segundo um levantamento da Fortinet.

A realidade é desafiadora, exige adaptação, treinamento e mudança de cultura. Golpes simples, como o phishing (roubo de identidade) podem ocorrer com você ou com membros da sua equipe neste exato momento, por aplicativos de mensagens ou e-mail, por exemplo.

Uma simples mensagem dizendo: "Olha essa promoção", daquele produto que você estava precisando, já com o link, parece tentador e um pequeno momento de distração, pode fazer você clicar sem perceber que se trata de um golpe. A proporção pode ser ainda maior, se você estiver fazendo isso em um dispositivo da empresa (notebook ou celular empresarial), abrindo portas para que invasores acessem dados importantes.

Golpistas pensam em todos os detalhes, até mesmo na semelhança dos nomes dos sites. Às vezes uma única letra e a leitura atenta pode fazer a diferença ao perceber o link suspeito. Todo cuidado é pouco.

Outro golpe comum é o que chamamos de engenharia social, em que o golpista entra em contato com clientes ou fornecedores se passando por alguém da empresa: "Aqui é o João da empresa xxx, estou substituindo o responsável do financeiro, queria confirmar qual foi o valor do último serviço prestado e solicitar que mudasse a conta de pagamento para uma nova, pois estamos fazendo uma readequação interna".

Seus colaboradores estão preparados para lidar com uma situação dessas? Pode parecer óbvio que se trata de um golpe, mas no dia a dia de uma empresa, com centenas de afazeres e prazos, não estamos preparados para isto e muitos colaboradores também não e isso pode gerar enormes prejuízos, inclusive financeiros.

Não existe solução definitiva, mas a melhor forma de evitar a grande maioria desses golpes é focar nas pessoas.

Protocolos para definir como agir em casos como esses, treinamentos, conscientização e uma cultura de segurança é o melhor caminho para mitigar as possibilidades de golpes.

Existem golpes mais sofisticados e são direcionados a tecnologia apenas e isto pode e deve ser conversado com frequência com seus fornecedores de tecnologia ou equipe de TI. Uma ação simples e prática neste caso é procurar manter sempre os sistemas e aplicativos atualizados.

O aperfeiçoamento constante e a criação de uma cultura de segurança são uma das melhores armas que temos na gestão do negócio e isso precisa ser tratado no dia a dia, bem como qualquer outra atividade da empresa.

DIEGO CRUZ/DIVULGAÇÃO/JC

O Brasil é um país com grande vulnerabilidade para ataques cibernéticos; não à toa, sofreu mais de 100 bilhões de tentativas no último ano, segundo um levantamento da Fortinet

Com a Palavra

Antônio Cesar de Oliveira Cé

Unicred supera os 100 mil associados de olho no futuro

UNICRED/DIVULGAÇÃO/JC

O presidente Antônio Cé destaca o crescimento pela procura de seguros disponíveis em diferentes coberturas

Cristine Pires
cristine.pires@jornaldocomercio.com.br

Com mais de 30 anos de atuação, a Unicred Central Geração celebra em 2024 um grande marco: ultrapassar o número de 100 mil cooperados. Consolidada em suas áreas de atuação, que contemplam todo o Rio Grande do Sul e estados de Goiás, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Rio de Janeiro, Paraíba e Alagoas, a instituição financeira cooperativa segue crescendo em processos, pessoas e em presença física a partir de novas agências. Com quase três décadas de serviços prestados ao cooperativismo, Antônio Cesar de Oliveira Cé ingressou no Sistema Unicred em 1996, como diretor administrativo da Unicred Pelotas. Ocupava o posto de presidente do Conselho de Administração da cooperativa Unicred Integração, com sede em Caxias do Sul desde 2019. Na Unicred Central Geração, atuava, desde 2020, no cargo de Conselheiro Administrativo Efetivo, antes de assumir como presidente do Conselho de Administração da Central em 2023.

Empresas & Negócios - Quais os objetivos do Sistema Unicred?

Antônio Cesar de Oliveira Cé - O Sistema Unicred nasceu há 34 anos com o propósito de levar prosperidade à vida de todos os cooperados. Atendimento qualificado é o nosso compromisso, pois para nós o mais importante é construir e compartilhar histórias vitoriosas, fazendo a diferença na trajetória daqueles que estão conosco. Trabalhamos para que nosso relacionamento com as pessoas e empresas associadas seja pautado por confiança e respeito, bases do modelo cooperativista. E buscamos conquistar isso a cada dia ao garantir o fortalecimento do cooperado com nossos serviços.

E&N - Que garantias o cooperado tem de que seu dinheiro está seguro?

Cé - Nossa cooperativa é uma instituição financeira. Com isso, está sujeita às diretrizes e normas elaboradas pelo Banco Central do Brasil, sendo realizadas regularmente fiscalizações e auditorias. Do ponto de vista da garantia aos cooperados, a maior delas é a honorabilidade de seu quadro social e diretoria, além de pertencer a um sistema sólido. A Unicred, comprometida com a segurança dos cooperados, possui cobertura do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGcoop) até o limite de R$ 250.000,00 por cooperado. Isso garante a segurança dos investimentos e a tranquilidade dos cooperados.

E&N - Quem pode se tornar cooperado?

Cé - Pessoas físicas ou jurídicas podem fazer parte da Unicred, desde que os requisitos de associação de cada Cooperativa sejam preenchidos. A Unicred mantém atuação mais focada no ecossistema da saúde, mas possui cooperativas de livre adesão, o que possibilita a adesão de profissionais de outros segmentos.

E&N - Quais as vantagens em relação a uma instituição financeira tradicional?

Cé - Nossas soluções financeiras são destinadas de acordo com a necessidade de cada cooperado. Dessa forma, estamos continuamente ampliando nosso portfólio de produtos e serviços, com soluções personalizadas alinhadas aos seus desejos e expectativas, mas também na assessoria financeira especializada com a sugestão de ferramentas que facilitam sua gestão financeira e a conquista de resultados cada vez melhores. Assim, acreditamos que somos viabilizadores de sonhos de nossos cooperados, não apenas os impulsionando no sentido profissional, mas também no âmbito pessoal. Mas no geral, entre as vantagens oferecidas por uma cooperativa, podemos destacar o atendimento personalizado, as condições competitivas e a transparência nas informações, além da participação dos associados nos resultados e nas decisões de sua cooperativa. Seguimos apostando em nossos princípios norteadores, que são base de todo o cooperativismo, como a sustentabilidade econômica, a educação financeira e o apoio e desenvolvimento às comunidades em que estamos inseridos, buscando multiplicar a prosperidade e a evolução coletiva como formas de bem-estar social.

E&N - Quem tem direito a empréstimos e financiamentos? A Unicred oferece linhas de crédito para quem não é cooperado?

Cé - Temos continuamente ampliado nosso portfólio para entregar soluções cada vez mais assertivas, assim como uma assessoria financeira especializada e personalizada. Estes serviços e produtos estão disponíveis para todos os nossos cooperados. Soluções como investimentos, linhas de crédito e consórcios são muito procuradas, assim como o Precaver, considerado o maior plano instituído de previdência privada do Brasil. Também oferecemos benefícios a partir dos Cartões Unicred Visa, destacados nos rankings Melhores Destinos e Passageiro de Primeira entre os melhores cartões para viagens. Outros produtos muito procurados em nossa cooperativa são os seguros, que se desdobram para diferentes coberturas específicas para atender a todas as necessidades de nossos cooperados, assim como o câmbio e um amplo portfólio em diferentes segmentações, entre muitos outros.

E&N - Quantos pontos de atendimento a Unicred Central Geração possui atualmente em todo o Brasil?

Cé - Atualmente, a Unicred Central Geração conta com mais de 100 pontos de atendimento pelo Brasil. Hoje, nossas 10 cooperativas atuam em todo o território gaúcho e também para além dele, pois já estamos presentes com unidades em estados como Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Alagoas e no Rio de Janeiro. Importante dizer que integramos uma Confederação, a Unicred do Brasil, que é formada por quatro Centrais, 30 cooperativas, mais de 370 pontos de atendimento e mais de 300 mil cooperados em todo o território brasileiro.

E&N - Quais foram os crescimentos percentuais registrados no último ano para a carteira de crédito, capital social e ativo social da Unicred Central Geração?

Cé - A Unicred Central Geração encerrou o ano de 2023 com um total de 96.265 cooperados, quase 30% a mais do que o observado ao fim de 2022. Além disso, no último ano foram registrados importantes crescimentos de 21,41% na carteira de crédito, 29,44% no capital social e 26,08% no ativo social.

E&N - O que a Unicred fez para ajudar o Rio Grande do Sul no período das enchentes?

Cé - Neste período delicado que enfrentamos no Rio Grande do Sul, o Sistema Unicred, através do Instituto Unicred, realizou uma campanha para arrecadação de recursos como forma de auxiliar as famílias impactadas pelas fortes chuvas. A ação foi aberta para o público geral e buscou arrecadar recursos financeiros para o atendimento das necessidades mais emergentes das regiões afetadas, auxiliando na recuperação das cidades e no acolhimento das famílias atingidas. Entregamos uma série de materiais aos pontos de recebimento indicados pelos governos locais. Temos investido em articulações entre colaboradores, cooperados, comunidade, entidades, organizações e os locais que mais estão precisando de doações. Assim, conseguimos viabilizar que mais pessoas possam ajudar de maneira assertiva quem mais precisa neste momento.

E&N - Quais serão as novidades da Unicred para o segundo semestre de 2024?

Cé - A Unicred Central Geração segue crescendo em processos, pessoas e em presença física. Cada vez mais, estamos dedicados a oferecer um atendimento eficiente e pessoal, com privacidade e conforto. Para a Unicred Central Geração, nossos indicadores não representam apenas resultados econômicos, mas a dedicação coletiva ao crescimento sustentável de nossos cooperados e das regiões em que estamos inseridos. Igualmente, temos uma crescente atuação em projetos que visam os melhores impactos e retornos sociais e ambientais, tanto por parte do Instituto Unicred, quanto a partir de nossos produtos, práticas e abordagens, que fomentam a sustentabilidade. O Rio Grande do Sul, em especial, precisará de uma atenção maior neste momento.

Leitura

Relacionamento

O caminho do cliente é uma ótima opção de leitura para os profissionais que desejam melhorar o relacionamento com o público. Nesta obra, o autor Ricardo Pena mostra para o leitor a importância de não apenas atender às necessidades dos clientes, mas entregar-lhes surpresas positivas. Dessa forma, é possível criar um vínculo que transcende a transação comercial, com o estabelecimento de uma conexão duradoura.

Para ajudar profissionais de diversos tipos, Pena apresenta, de forma simplificada, os sete passos do Mapeamento da Jornada do Cliente. Com isso, o leitor conseguirá compreender o caminho do cliente e, por conseguinte, criar experiências marcantes. O autor também destaca a necessidade do profissional de reconhecer os seus colaboradores da melhor maneira e engajá-los na missão de melhorar todos os aspectos da empresa.

Através da leitura, o profissional poderá transformar reclamações e feedbacks em ação e resultados, além de estruturar um plano de ação para criar experiências icônicas, começando com pequenos passos. Também será possível conhecer o cliente para criar personas bem definidas e mapear suas jornadas. Ricardo Pena é pioneiro em customer experience no Brasil, tendo criado, em 2018, a PeopleXperience, focada em mapear e cuidar da jornada do cliente.

O caminho do cliente: o segredo para criar uma experiência do cliente que vai alavancar o seu negócio; Ricardo Pena; Gente Autoridade; 192 páginas; R$ 64,90; Disponível em versão digital

Finanças

O livro "Sucessão planejada, patrimônio protegido" valoriza a importância de cuidar do patrimônio e da sucessão de bens quando uma pessoa ainda está viva, e não somente em momentos de grande dor e sofrimento. Para isso, o autor Felipe Esteves simplifica conceitos e esclarece dúvidas sobre o assunto, ajudando aqueles que mais podem se beneficiar desta discussão a deixarem o futuro do seu patrimônio mais organizado e protegido. De acordo com Esteves, as famílias interessadas em cuidar de seu patrimônio devem contratar o serviço de uma holding familiar, empresa que trabalha a sucessão protegendo e garantindo segurança, vantagens tributárias e previsibilidade.

Através da obra de Felipe Esteves, o leitor poderá identificar, exaltar e destacar o que tem de melhor para deixar como herança, fortalecendo os laços com seus familiares. Também será possível superar traumas, anseios e tabus que criam resistência ao tema do planejamento sucessório para organizar o futuro das famílias. Advogado e consultor há 17 anos, Felipe Esteves é especialista em Direito Tributário e Holding, palestrante sobre Holding Familiar Rural e coautor do livro "101 dicas de holding". Ele também fudou a Esteves Planejamento Patrimonial, empresa especializada em contratos, holding e planejamento tributário no agronegócio.

Sucessão planejada, patrimônio protegido: como planejar e organizar o futuro do seu legado com menos custo e mais harmonia; Felipe Esteves; Gente Autoridade; 192 páginas; R$64,90.

Motivacional

O livro "Mindset de Crescimento", de Eduardo Briceño, estimula uma cultura de crescimento pessoal, conciliando aprendizagem e alta performance.

Segundo o autor, as pessoas estão se tornando prisioneiras do desempenho crônico, o que as coloca dentro do paradoxo da performance. Para se libertar dessa maratona interminável, que só resulta em frustração e estagnação, a solução seria incluir o aprendizado no processo, buscando espaço para tentar coisas novas, acolhendo o erro, pedindo feedbacks e refletindo sobre o que foi feito.

Por meio de "Mindset de crescimento", o leitor descobrirá como evitar a armadilha do desempenho crônico, identificar e desbloquear o poder dos erros e incorporar o aprendizado aos seus hábitos diários. Também conseguirá aprimorar tanto suas habilidades quanto seus resultados de maneira duradoura e liderar equipes que estão sempre batendo metas porque aprenderam a aprender.

Também autor do livro "O paradoxo da performance", Eduardo Briceño é consultor no suporte a organizações empenhadas em desenvolver culturas de aprendizado e alto desempenho. Além disso, ele fundou e dirigiu por 13 anos a Mindset Works, primeira empresa a oferecer consultoria sobre o mindset de crescimento.

Mindset de crescimento: como superar o paradoxo da performance e fazer da experimentação e do erro seus maiores aliados; Eduardo Briceño; Editora Sextante; 304 páginas; R$ 56,55; Disponível em versão digital e em audiolivro.

Responsabilidade social

Gerdau lidera esforço de reconstrução no RS

» *Empresa mobiliza corporações e investe em moradias e apoio humanitário aos desabrigados*

Miguel Campana
miguel.campana@jcrs.com.br

Maior fabricante nacional de aço, a Gerdau está fazendo a sua parte na recuperação do Rio Grande do Sul pós-enchente de maio. À primeira vista, pode-se pensar que o auxílio prestado se resumiria ao fornecimento do aço produzido pela empresa gaúcha para ações de reconstrução. No entanto, o envolvimento da Gerdau com a recuperação do Estado vai muito além disso.

Para financiar projetos que visam a reconstrução, a companhia promoveu a criação de fundos de arrecadação, como é o caso do Regenera RS. "O objetivo do projeto não é competir com outros tipos de arrecadação, até porque, neste caso, as doações são feitas pelas próprias empresas participantes", explica o diretor da Gerdau, Paulo Boneff.

A Dínamo, companhia contratada para ser gestora do Regenera RS, disponibiliza um link para que empresas possam inscrever seus projetos, que passarão por análise técnica. Se o projeto for aceito pelos avaliadores, a empresa recebe uma parcela da quantia arrecadada pelo fundo.

A banca de avaliadores é composta por especialistas em diferentes assuntos. Para avaliar um projeto voltado para a construção de moradias, por exemplo, serão levados em consideração aspectos técnicos da construção.

A Dínamo definiu uma estrutura de gestão para o Regenera RS, a fim de garantir maior agilidade aos processos. Além do corpo técnico, responsável pela avaliação dos projetos, existe um conselho deliberativo e outro, consultivo.

A banca de avaliadores é composta por especialistas em diferentes assuntos

De acordo com o diretor Boneff, a Gerdau organiza reuniões periódicas com os membros da gestão do fundo.

"Em um destes encontros, o valor de R$ 1 milhão foi encaminhado para o Sindicato das Indústrias de Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), comprometido com a construção de 50 casas definitivas no bairro Hípica, na zona sul de Porto Alegre", explica Boneff. A seleção das famílias que irão receber as moradias é de responsabilidade da prefeitura de Porto Alegre, por meio da Assistência Social.

As casas são produzidas dentro da fábrica da Gerdau em São Paulo e posteriormente transportadas de caminhão até o Rio Grande do Sul. De acordo com Boneff, a montagem ocorre em três ou quatro dias. Mediante uma avaliação técnica, o Sinduscon-RS escolheu o modelo Steel Frame para construir as moradias. Entre os motivos para esta decisão estão a capacidade de adaptação e a resistência do aço aos diferentes tipos de clima do Rio Grande do Sul.

No terreno demarcado para a construção das casas, também será necessário investir em obras de calçamento, rede elétrica e tubulação de água e esgoto.

O aço utilizado na construção da base de concreto das casas não é o mesmo que está na estrutura das paredes. Segundo Boneff, o

GERDAU / DIVULGAÇÃO / JC

Casas temporárias do Acnur irão receber famílias que perderam suas moradias com as enchentes de maio

Steel Frame das paredes é um tipo de aço que a Gerdau não produz. Apesar disso, a empresa gaúcha fornece telas de aço e vergalhões para a construção da base das casas.

A Gerdau também está envolvida na organização de outro fundo de arrecadação, neste caso em parceria com o projeto Gerando Falcões. Com a criação deste outro fundo, a Gerdau pretendia reunir recursos para suprir a ausência do Regenera RS, enquanto este ainda estava sendo estruturado. No novo fundo, a Gerdau fez um aporte de R$ 5 milhões, e a Gerando Falcões conseguiu outros R$ 3 milhões com empresas parceiras.

"O Regenera RS pode ser visto como um fundo-mãe. O projeto realizado com a Gerando Falcões, por sua vez, cuida especificamente da vertente de habitação", explica Boneff. De acordo com ele, após entrar em contato com o governo estadual, a Gerdau direcionou seus esforços para a construção de moradias temporárias. Isso porque a entrega das casas definitivas, que será feita pelos governos estadual e federal, ainda vai demorar alguns meses.

A operação das estruturas transitórias será feita pelo Acnur, a agência da ONU para refugiados, que recebeu R$ 4,5 milhões do fundo criado pela Gerdau e pela Gerando Falcões. A situação dos desabrigados no RS se enquadra no plano de ação do Acnur porque a agência também protege deslocados por alterações climáticas.

A estrutura das casas temporárias está sendo trazida da Colômbia pela empresa aérea Latam. Por isso, de acordo com o diretor da Gerdau, é provável que o dinheiro recebido pelo Acnur seja utilizado no fornecimento de cestas básicas, material de higiene, colchões e cobertores para os acolhidos. Ainda segundo Boneff, a expectativa é de que as pessoas possam ir para suas novas moradias definitivas em até seis meses.

Escola Municipal Liberato Salzano será recuperada pela indústria siderúrgica

Muito atingida pela enchente de maio, a infraestrutura da Região Metropolitana de Porto Alegre é outro foco de atuação da Gerdau. "Identificamos que várias estruturas públicas e privadas, incluindo escolas e hospitais, estavam comprometidas", explica o diretor da Gerdau, Paulo Boneff. Conforme lista lançada pela prefeitura de Porto Alegre, a Escola Municipal Liberato Salzano foi uma das estruturas públicas mais atingidas pelas chuvas, para o prejuízo dos mais de 1.500 alunos da instituição.

O plano de recuperação da escola foi formulado pela Gerdau e pela Ambev. Para a execução das obras, as duas empresas entraram em contato com a Brasil ao Cubo, que prometeu entregar as reformas dentro do prazo de 60 dias.

Boneff destaca a importância simbólica dos trabalhos de recuperação da escola que estão sendo realizados pela Gerdau. "O acesso à escola não é somente sobre o estudo, que também é muito importante. Para muitas crianças, ir à escola significa ter acesso a uma refeição no dia. Além disso, a escola é um lugar de segurança para os pais das crianças", comenta.

A Gerdau também está tendo papel importante na reconstrução de pontes no RS, como na cidade de Agudo. Segundo Boneff, além de demonstrar interesse em fornecer materiais para construção, é necessário apresentar um projeto que, entre outras coisas, garanta a estabilidade das pontes mesmo quando expostas a uma nova chuva. A Gerdau também doou aço para as reformas necessárias na estrutura de alguns pavilhões da Expointer.

REPORTAGEM ESPECIAL

Tragédia no RS alerta para a urgê de agir contra as mudanças climá

» *Eventos extremos, como cheias e estiagens severas, ganham destaque e exigem a integração c*

Carmen Carlet, *especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

As Soluções Baseadas na Natureza (SbN) são ações que utilizam processos e ecossistemas naturais para enfrentar os desafios mais urgentes do nosso tempo, tais c

A preocupação com os desafios climáticos não é recente. Pauta discutida pelos dirigentes mundiais já há algumas décadas, vem ganhando os holofotes nos últimos anos por conta da recorrente incidência de eventos extremos, como chuvas concentradas em pouco espaço de tempo, ondas de calor, terremotos, estiagens severas, entre outros. Esta mudança do clima afeta o atual modo de vida da população bem como o funcionamento dos ecossistemas, que já estão sofrendo alterações que impactam na biodiversidade e na economia.

Para os gaúchos, por exemplo, a mudança climática adquiriu proporções dramáticas neste 2024 com a devastação de boa parte do território. Uma pesquisa efetuada em 2023 pela Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, em cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil e apoio da Associação Nacional de Municípios e Meio Ambiente (Anamma) e Aliança Bioconexão, intitulada "Natureza e Cidades: a relação dos brasileiros com as mudanças climáticas", já dava boas pistas sobre o que vivenciamos hoje no sul do País e a imperativa necessidade de resiliência.

RAFAEL DRUMOND/ARQUIVO PESSOAL/JC

Drumond diz que cada vez mais a água será o centro dos debates

O desenvolvimento resiliente ao clima, segundo especialistas, é aquele que conjuga medidas de mitigação e adaptação. Porém, fica mais difícil a cada aumento no aquecimento da temperatura média global. Para se ter uma ideia, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) oficializou que 2023 foi o ano mais quente já registrado, ficando 1,45° C acima dos níveis pré-industriais e se aproxima cada vez mais de 1,5° C, o marco limite do Acordo de Paris, firmado em 2015. Para tentar reverter esse caminho, a natureza precisa voltar ao centro das atenções e soluções.

O levantamento da Fundação O Boticário ouviu duas mil pessoas em todo o Brasil a fim de traçar um mapa sobre conhecimento e opinião da população sobre questões relativas à mudança do clima e ao meio ambiente, além de compreender se as pessoas já conhecem o termo Soluções Baseadas na Natureza (SbN), se relacionam o termo com conservação da biodiversidade e se valorizam a implantação de soluções diferenciadas para os desafios que as cidades já enfrentam. Pela pesquisa, apenas 1% dos brasileiros conhecem bem essas possibilidades.

As SbN são ações que utilizam processos e ecossistemas naturais para enfrentar os desafios mais urgentes do nosso tempo, tais como o risco da falta de água, com secas e estiagens, e dos impactos de eventos climáticos extremos, como inundações e deslizamentos. É uma abordagem de gestão de recursos naturais que gera benefícios para a biodiversidade ao mesmo tempo em que promove soluções para o desenvolvimento socioeconômico e bem-estar humano.

Lilian Hengleng, fundadora da consultoria ambiental Das Naturland, afirma que a ideia central das SbN é substituir as intervenções humanas poluidoras ou ecologicamente agressivas por práticas sustentáveis, inspiradas em ecossistemas saudáveis, para enfrentar desafios urgentes. Segundo a consultora, para que um projeto seja considerado uma SbN, ele deve atender a cinco fundamentos essenciais: sustentabilidade, benefícios múltiplos, resiliência, engajamento comunitário e base científica.

O arquiteto e urbanista Rafael Drumond avalia que, quando a conversa é sobre águas, uma questão fica evidente: a pressão sobre ela tende a aumentar no futuro. "Com o aumento da população e a concentração de cada vez mais pessoas nas cidades, somadas às mudanças climáticas que estamos presenciando e a crescente ocorrência de enchentes, a água torna-se o centro do debate", avalia.

Pois, segundo ele, ao mesmo tempo que não podemos nos distanciar dela, por razões óbvias, também não podemos manter nossas cidades da maneira como foram e estão sendo construídas e mantidas. Diante desse cenário, Drumond aponta que uma das respostas mais promissoras são

ência
ticas

om a natureza

RODRIGO AGUIAR/DIVULGAÇÃO/JC

omo os impactos de eventos climáticos

as SbN, que oferecem uma alternativa eficiente às soluções convencionais que geralmente requerem alto consumo de energia, como a transposição de bacias, a perfuração de poços e a canalização de cursos d'água, entre outros exemplos.

O uso dessas técnicas não é uma novidade, já sendo utilizadas há pelo menos 20 anos em regiões pelo mundo que demandam maior atenção ao solo em áreas úmidas e com maior necessidade de drenagem urbana. A maior busca por técnicas que utilizam a natureza como ferramenta vem da aceleração das mudanças climáticas, responsáveis ao mesmo tempo por grandes enchentes e crises hídricas em diferentes cidades do mundo.

Pequenas intervenções podem auxiliar a capital gaúcha

As SbN enquadram várias técnicas que podem ser aplicadas em menor escala, como a utilização de telhados verdes - que colaboram na retenção da água da chuva, diminuindo a demanda no sistema de drenagem urbana - ou com os jardins de chuva, parecidos com os convencionais, mas construídos de forma a proporcionar uma maior absorção das águas em cidades com solo impermeabilizado por concreto ou asfalto. "Essas técnicas podem ser adotadas pela própria população, e a somatória de várias residências utilizando têm alta capacidade de diminuir a frequência e intensidade das enchentes", afirma Lilian Hengleng.

Segundo o urbanista, neste processo, encaixam-se propostas como corredores ecológicos, parques lineares - que poderiam ser uma alternativa a ser utilizada ao longo do arroio Dilúvio, em Porto Alegre, para diminuir as incidências de inundações na região - além de parques alagáveis, que servem para retardar a entrada da água no sistema de drenagem urbana e que também poderiam ser pensados para as regiões aterradas ao longo do Guaíba.

LILIAN HENGLENG/ARQUIVO PESSOAL/JC

Lilian Hengleng cita propostas como jardins de chuva e telhados verdes

Analisando a capital gaúcha, a consultora Lilian Hengleng destaca que a cidade avançou claramente sobre a mancha de inundação de 1941. "E qual foi a solução adotada pelos responsáveis sobre os riscos de inundação a cada 100 anos, por exemplo?", questiona a ambientalista, lembrando que se pode somar a falta de manutenção do sistema de diques, das casa de bombas e de preparação da defesa civil para eventos extremos, como agravantes.

Para ela, décadas de pesquisas ecológicas mostram que a conversão de paisagens nativas para agricultura e pecuária intensivas e urbanização causa perda de biodiversidade, degradação do solo e aumento da vulnerabilidade a desastres naturais. "Precisamos viver e produzir e, para isso, precisamos desenvolver um sistema que esteja adaptado e em harmonia com a natureza, que é nossa melhor aliada", afirma.

Nesta mesma linha, o geólogo Rualdo Menegat, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) observa que a Zona Sul de Porto Alegre possui importantíssimos estoques ambientais e paisagísticos: as matas e nascentes de arroios do Morro São Pedro e da Extrema e os banhados do Lami e da Ponta do Arado, entre outros, são exemplos. Para o geólogo, toda a Orla do Guaíba deveria ser considerada um corredor ecológico, conectando áreas verdes e banhados de Itapuã até o Delta do Jacuí.

Para ele, essa é a importância da região, que pode fazer a diferença na estruturação de uma cidade mais porosa ou esponja. "Não precisaríamos construir os elementos da porosidade, já estão ali, bastaria conectá-los, integrá-los com a vantagem de serem naturais", avalia. Ele destaca, por exemplo, que na China – referência mundial no conceito – as cidades-esponja gastam fortunas para construírem jardins e áreas úmidas.

"Em Porto Alegre, temos essas áreas naturais, que além de conter a água, conservam nosso patrimônio paisagístico, nossa identidade maior. Precisamos ter uma visão ecossistêmica para ver a cidade e suas interconexões com seus patrimônios culturais, sociais e naturais", diz Menegat. Para ele, somente assim poderemos melhorar nossa resiliência frente a fenômenos climáticos extremos.

Mato do Júlio protegeu áreas de Cachoeirinha durante a enchente

Considerado um dos últimos refúgios naturais intocados da Região Metropolitana de Porto Alegre, o Mato do Júlio é uma área com 256 hectares que abriga floresta de biomas da Mata Atlântica e Pampa, além de banhado com animais em extinção, um arroio, sete nascentes e um lago natural. E, no meio desta área, ainda tem uma casa colonial, datada de 1814, tombada pelo município de Cachoeirinha, uma senzala e um sítio arqueológico registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Rodeada de bairros populosos, a área contribuiu para reduzir o impacto das enchentes na Região Metropolitana de Porto Alegre por sua característica de retenção hídrica junto à várzea do rio Gravataí. Mesmo assim, o ambientalista e professor de História e Inclusão, Leonardo da Costa, integrante do coletivo Mato do Júlio, observa que ainda é difícil calcular a relevância que assumiu a preservação da área no pós-enchente. Ele conta que a comunidade olhava para as áreas cobertas de água em maio e falava: "olha quanta água tem lá, se não fosse esse lugar o que seria de nós?" Era evidente, mas ele acredita que a relevância só se dará em nível de mobilização. "Se a comunidade não começar a defender a área, não serviu para nada", diz, taxativo.

Fazendo um retrospecto das chuvas que castigaram o Estado, Costa diz que o dia com maior quantidade de água foi 6 de maio, ainda sem dados da proporção de inundação da data. No entanto, dados de 4 de maio (disponibilizados pelo MapBiomas) cruzados com os da Defesa Civil de Cachoeirinha relativos à área coberta pela água no bairro Parque da Matriz, concluem que o Mato foi responsável por segurar 35% da água na cidade neste dia, "sem ele, em torno de seis a oito mil pessoas a mais teriam sido afetadas", explica o ambientalista.

Para manter a área, que é de interesse do setor imobiliário, em junho último o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Gravataí enviou um documento ao governo do Estado solicitando, entre outras medidas, a desapropriação via União. A luta pela preservação do local vem de longa data, com o Mato do Júlio sendo tratado como uma grande área estratégica dentro da bacia hidrográfica para a questão da água, como se comprovou agora com as enchentes.

MATO DO JULIO/DIVULGAÇÃO/JC

Costa destaca a importância da área por seu papel na retenção de água

O pedido de desapropriação é feito ao governo federal porque, pela dimensão da área e importância que tem, extrapola a abrangência municipal e estadual. O documento também foi encaminhado ao ministro-chefe da Secretaria Extraordinária de Apoio à Reconstrução do Rio Grande do Sul, Paulo Pimenta. Além do papel na retenção da água que pode auxiliar a região em uma possível futura catástrofe de chuvas novamente, a importância ambiental também é avaliada por Costa por fatos como a descoberta de um felino em extinção – Leopardus Guttulos – em 2023. "Esse ano veio a questão das cheias, enfim ainda temos muito a descobrir, mas é uma floresta de Mata Atlântica incrível e fundamental para o equilíbrio ambiental da região", finaliza o ambientalista.

Continua na **página 8**

Regenerar é essencial para recuperar os ecossistemas

Carmen Carlet, *especial para o JC*
economia@jornaldocomercio.com.br

Sem deixar de reconhecer as contribuições da permacultura e das agriculturas sintrópica, agroecológica, biodinâmica, orgânica e agroflorestal, o engenheiro agrônomo e doutor em ecoetologia Marcelo Abreu da Silva afirma que a agricultura regenerativa está um passo à frente, adotando a premissa de que se sustentar não é mais suficiente, é preciso regenerar/restaurar/revitalizar, com vistas à obtenção de alimentos, ambientes e vidas saudáveis.

Com isso, manutenção e aumento da resiliência da produção de alimentos se aliam à melhoria da qualidade de vida tanto no meio rural como em grandes aglomerações urbanas. Integrante do Instituto de Agricultura Regenerativa, ele explica que, aqui no Rio Grande do Sul, temos trabalhado sob a ótica regenerativa desde os anos 1990, antes mesmo deste conceito alcançar a popularidade atual em diversos estados do País.

Isso inclui o acompanhamento de sistemas de produção regenerativa, principalmente nas regiões do Planalto Médio, Pelotas/Morro Redondo e Bagé/Lavras do Sul. "Também temos perspectivas de extensão de seu escopo às demais regiões no contexto do atual esforço de reconstrução do Estado e regeneração de seus ambientes", adianta o engenheiro agrônomo.

O professor explica que o enfoque regenerativo aplicado ao campo e à cidade, por meio da agricultura regenerativa, das cidades verdes/resilientes e da transição energética justa, é o único caminho viável para a solução perene dos problemas socioeconômicos e ambientais deste século. E, de acordo com ele, isso se aplica perfeitamente às enchentes ocorridas em 2024, da mesma forma que às do ano passado e demais eventos ocorridos no País nos últimos anos. "A questão que se coloca aqui é se vamos continuar a somente 'apagar incêndios' ou se teremos força política para enfrentar as causas dos problemas", destaca.

Charles Maffra, engenheiro florestal e diretor-técnico da Salix Engenharia - consultoria ambiental com sede em Frederico Westphalen -, observa que, na medida que enfrentamos as alterações climáticas, eventos extremos estão se tornando cada vez mais comuns e passam a ser vistos como normais. Segundo ele, o tempo de recuperação das áreas degradadas pelas enchentes no Rio Grande do Sul depende de vários fatores, como o grau de degradação, as características do solo, o clima, a disponibilidade de recursos e o envolvimento da comunidade.

"Em geral, pode levar de alguns meses a vários anos, dependendo da complexidade e da escala dos projetos de engenharia natural e recuperação de áreas degradadas. Essas técnicas são mais baratas, mais sustentáveis e mais adaptáveis aos sistemas naturais do que as soluções convencionais de engenharia civil e, além de proteger a área, também contribuem para a sua restauração ecológica.

LEANDRO KARAM/DIVULGAÇÃO/JC

Agricultura regenerativa adota a premissa de que é preciso restaurar para ter alimentos, ambientes e vidas saudáveis

LEANDRO KARAM/DIVULGAÇÃO/JC

Taim está entre os locais de fundamental importância para a biodiversidade

Algumas formas de recuperar as áreas degradadas pela enchente

- Diagnóstico ambiental identificando os principais problemas e as potencialidades da área, bem como as necessidades e expectativas da população.

- Implementar projetos de engenharia com técnicas baseadas em elementos naturais como plantas, rochas, madeira e solo, para estabilizar margens de rios e encostas, controlar a erosão, reter sedimentos e aumentar a infiltração da água.

- Projetos com ações de recuperação e restauração para restabelecer as funções ecológicas, sociais e econômicas das áreas afetadas. Essas ações incluem remoção de resíduos, recuperação de nascentes, revegetação com espécies nativas, criação de espaços de lazer e convivência e reinserção das áreas impactadas aos aspectos estéticos e paisagísticos locais.

(Fonte: Salix Engenharia)

Glossário ambiental

- **Agricultura agroecológica:** Modelo de agricultura alternativa baseada na integração e aplicação de conceitos ecológicos e sustentáveis na produção de alimentos.
- **Agricultura agroflorestal:** Uma forma de uso e ocupação do solo em que árvores são plantadas ou manejadas em associação com culturas agrícolas ou forrageiras.
- **Agricultura biodinâmica:** Semelhante a agroecologia. Entre os seus elementos estão o uso de preparados biodinâmicos, como os princípios da homeopatia e o acompanhamento do calendário astronômico, como as fases da lua e signos para reger os elementos da terra.
- **Agricultura regenerativa:** É aquela capaz de produzir alimentos ao mesmo tempo em que propicia condições para a natureza se recuperar.
- **Agricultura sintrópica:** Propõe reordenar, restaurar o ambiente natural, a floresta. A proposta é criar um sistema que junta, na mesma área, a produção de hortaliças, frutas e madeira, que também recupera áreas degradas e protege o meio ambiente.
- **Biodiversidade:** A variabilidade entre os seres vivos de todas as origens, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos, e os complexos ecológicos dos quais fazem parte.
- **Bioeconomia:** Modelo de produção industrial baseado no uso de recursos biológicos.
- **Cidade-esponja:** Cidade com a capacidade de integrar a gestão da água urbana nas políticas e projetos de planejamento urbano.
- **Comunidade biótica:** Conjunto de todos os seres vivos, vivendo num mesmo local, e na mesma época.
- **Soluções Baseadas na Natureza (SbN):** Conceito constituído por medidas inspiradas, apoiadas ou copiadas da natureza e que visam atender simultaneamente objetivos ambientais, sociais e econômicos.
- **Telhados verdes**: cobertura de plantas e um telhado com técnicas de impermeabilização e de plantio.
- **Permacultura:** Sistema integrado de espécies animais e vegetais perenes ou que se perpetuam naturalmente e são úteis aos seres humanos.

Empresas apostam na sustentabilidade

Em um mundo em constante transformação, a consciência ambiental - e social - tornou-se um critério fundamental para as pessoas. Nesse cenário, as empresas sustentáveis despontam como favoritas, ganhando não apenas reconhecimento, mas prioridade na hora da escolha entre as marcas, isso porque os próprios consumidores têm assumido posturas neste sentido. Uma pesquisa feita pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), revela que 81% dos brasileiros adotam hábitos sustentáveis sempre ou na maioria das vezes. E essa determinação é percebida pelas empresas que investem e divulgam cada vez mais suas ações sustentáveis. Uma marca que investe firme na "pegada sustentável" é a Calçados Beira Rio.

Para quem literalmente nasceu em meio à natureza, nas margens do rio Paranhana, o respeito ao meio ambiente é uma prioridade aplicada, inclusive, em todos os processos, desde a escolha das matérias-primas até o descarte correto de resíduos, passando pela seleção de fornecedores alinhados com práticas sustentáveis. De acordo com o CEO, Roberto Argenta, a responsabilidade com o planeta é assunto levado a sério nas 11 unidades fabris, mostrando que, através de ideias, ações e atitudes, a moda também é espaço de consciência e de preservação. Segundo ele, de forma abrangente e responsável, o conjunto de ações relacionadas à sustentabilidade conta com a participação ativa do quadro geral de colaboradores e tem respaldo legal no Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama).

Um movimento importante acontece na linha de produção, onde as sobras dos insumos são recolhidas e transformadas em novos produtos. O material, chamado de Ambiplast - uma placa de material reciclado, transformado em produtos inovadores que contribuem para a competitividade da indústria -, dá origem a uma infinidade de itens, como bases para palmilhas de calçados e modeladores que garantem qualidade e beleza aos calçados que chegam aos consumidores e também na ambientação das lojas, onde ganha a forma de pufes, displays, cabides e até mesmo expositores. Essa tecnologia, inclusive, possibilita à empresa reaproveitar materiais que foram danificados na enchente. Outro projeto destacado por Argenta é o Resíduo Zero. A empresa desenvolveu, em parceria com a Ambiente Verde e a Universidade de Caxias do Sul (UCS), um programa que visa o aproveitamento de 100% dos resíduos que hoje não têm capacidade de reciclagem.

CALÇADOS BEIRA RIO/DIVULGAÇÃO/JC

Conceitos estão também na ambientação das lojas, onde ganham a forma de pufes, displays, cabides e até expositores

Calçados Beira Rio aguarda aprovação para planta-piloto

Após três anos de preparação, a Calçados Beira Rio obteve, em 2021, a licença da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) para construir a planta-piloto encarregada dessa transformação. Em 2024, após completar as etapas de testagem definidas no cronograma do órgão ambiental, a empresa enviou a documentação final e agora aguarda a Licença de Operação Definitiva (LOD) para iniciar suas atividades com plena capacidade.

Estar em meio à natureza acaba auxiliando o despertar do aproveitamento. Um exemplo é o Jangal das Araucárias, localizado em Canela e rodeado por uma floresta de preservação ambiental com 2 mil m². De acordo com Gabriela Schwan Poltronieri, CEO da Rede Swan Hotéis, o empreendimento é colado a uma área de floresta nativa de araucárias, o que justifica o nome Jangal (mata densa).

Além disso, ela conta que o respeito ao meio ambiente é importante para a rede. Um exemplo citado é o aproveitamento de madeiras como matéria-prima para o mobiliário de espaços coletivos e quartos. A obra também reciclou pallets e tijolos, integrados no projeto de design contemporâneo. Parte da decoração dos apartamentos, principalmente mantas e almofadas, foram elaboradas com elementos reaproveitados da indústria calçadista.

REDE SWAN/DIVULGAÇÃO/JC

Rede Swan reaproveita madeiras

Estação Ecológica do Taim é um exemplo de sucesso

Avaliando de forma muito crítica a situação do RS em implementar SbN, o arquiteto e urbanista Rafael Drumond, embora reconheça um grande potencial, alerta que as cidades demonstram uma falta de efetividade e, quando adotam, são em pouca escala. "Apesar de diversos estudos indicarem tanto a viabilidade quanto a necessidade dessas técnicas, ainda não há exemplos significativos de implementação prática no Estado, diferentemente de outras regiões do Brasil".

Lilian Hengleng destaca um único exemplo de projeto bem-sucedido no Estado: a Estação Ecológica do Taim, que envolve ações de preservação dos banhados, restauração de áreas degradadas e manejo sustentável dos recursos naturais, beneficiando a biodiversidade e as comunidades do entorno. Situada nos municípios de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, a Estação Ecológica do Taim abrange uma área de 32 mil hectares perto da fronteira com o Uruguai. Propriedade pública, a estação foi criada por um Decreto Federal em 1986 e declarada área de interesse ecológico, com um vasto sistema lagunar parcialmente formado pelas lagoas Mirim, Jacaré, Nicola e Mangueira.

A maior parte da região pantanosa ao longo da costa Sul do Estado é importante diante de suas comunidades bióticas e da rica vida selvagem, abrigando 30 espécies de mamíferos, além de répteis como jacarés do papo amarelo e aves migratórias. A região do Taim tem cerca de dez quilômetros de praias oceânicas, dunas móveis e áreas com vegetação rasteira. Em 2017, passou a ser uma das principais áreas ambientais do mundo pela Convenção de Ramsar, criada na década de 1970 no Irã, e reconhecida legalmente no Brasil em 1996. A Estação é administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente.

Eufrázio

BioCMPC é o maior investimento privado em sustentabilidade no RS

Carmen Carlet, *especial para o JC **
economia@jornaldocomercio.com.br

Uma das empresas localizadas no Rio Grande do Sul que busca desacelerar o aquecimento global é a multinacional chilena CMPC - companhia do setor florestal que atua em três segmentos de negócio: celulose, embalagens e produtos de higiene pessoal (tissue). A CMPC é uma representante da bioeconomia e possui suas operações alicerçadas na sustentabilidade e na economia circular.

Presente no Brasil desde 2009, possui operações em sete estados e desde 2019 assumiu metas ambientais para todas as suas operações ao redor do mundo. Segundo Ana Paula Pulito, gerente de sustentabilidade no Brasil, o compromisso público assumido estabelece que a empresa deve diminuir em 25% o uso de água nos processos industriais e ser uma companhia com zero resíduos destinados a aterros até 2025. Também são objetivos a redução de 50% das emissões absolutas de gases de efeito estufa até 2030.

"Por fim, a empresa possui objetivos de acrescentar 100 mil hectares de área de vegetação nativa em seus mais de 400 mil hectares de áreas de conservação existente", explica a gerente. Ela adianta que para a companhia, o uso inteligente e sustentável dos recursos naturais durante o processo de produção é algo fundamental.

"A unidade de Guaíba é hoje uma referência mundial no setor no quesito de sustentabilidade. Hoje, 99,8% de todo o resíduo sólido registrado no processo de produção da celulose na unidade é reutilizado, reciclado e transformado em outros 13 novos produtos em nosso Hub de economia circular", explica Ana Paula ao acrescentar que este projeto existe há mais de 30 anos e gera emprego e renda para a população da região, tendo gerado um faturamento de aproximadamente R$ 18 milhões, em 2023.

No Rio Grande do Sul, o Projeto BioCMPC – anunciado em 2021- tornou-se o maior investimento privado em sustentabilidade da história do Estado, totalizando R$ 2,75 bilhões. Por meio deste empreendimento, foram implementadas iniciativas de modernização, controle e gestão ambiental na unidade industrial de Guaíba, que reduziram 60% das emissões atmosféricas da sua produção em solo gaúcho.

"O BioCMPC, quando estiver a pleno, oferecerá um aumento de 18% da capacidade produtiva", adianta a executiva, ao elencar que quando foi planejado o BioCMPC traçou metas ousadas de melhorias de processos e indicadores ambientais, além da modernização de equipamentos com o objetivo de gerar grandes contribuições para o convívio com as comunidades vizinhas.

FABIANO PANIZZI/DIVULGAÇÃO/JC

Companhia chilena busca a meta de reduzir 50% das emissões absolutas de gases de efeito estufa até 2030

O projeto é composto por 31 iniciativas implementadas que se dividem da seguinte forma: nove relacionadas à implantação de novos equipamentos de controles ambientais e o repotenciamento de sistemas já existentes, oito novas iniciativas voltadas à gestão ambiental e 14 ações de modernização operacional.

Entre as principais metas estão a redução dos níveis de ruído no entorno da planta industrial, redução de eventos de geração de odor, instalação de uma nova caldeira de recuperação para redução do nível de emissão de partículas, desligamento da caldeira de força à carvão e, pioneiramente no Brasil, a implementação do Centro de Controle Ambiental, um espaço voltado a acompanhar de forma online a performance ambiental da empresa. "Atualmente, estamos terminando a fase de potencialização total dos novos equipamentos instalados para que eles possam atingir o máximo da performance planejada", diz Ana Paula.

Outro fator de sustentabilidade que tem dado notoriedade à companhia chilena é o uso da hidrovia como modal de transporte. Nos últimos anos, a companhia transportou mais de 1,8 milhão de toneladas de celulose por água, bem como foi responsável pelo transporte de 1,2 milhão m³ de madeira, o que representa 44% de todas as movimentações de carga no Rio Grande do Sul.

A unidade industrial de Guaíba, por exemplo, conta com um porto próprio, que recebe madeira da Região Sul e carrega celulose para o Porto de Rio Grande. Com a barcaça descarregada, ela segue até o Porto de Pelotas, onde é carregada com madeira e retorna para Guaíba. O uso do modal hidroviário evita que ocorram 100 mil viagens de caminhão por ano, reduzindo, em média, a emissão de aproximadamente 56 mil toneladas de carbono no ar e minimiza o risco de acidentes rodoviários. As ações realizadas pela empresa também vêm recebendo grande destaque mundo afora. O Índice Dow Jones de Sustentabilidade, na edição de 2023, classificou a CMPC como a empresa mais sustentável do mundo na categoria Celulose e Papel, que reúne companhias florestais e papeleiras de diferentes continentes.

Também assumiu a liderança do ranking de Sustentabilidade Corporativa da S&P Global Sustainability Yearbook 2024 no segmento florestal - um dos indicadores mais conceituados do mundo - e conquistou o Fastmarkets Forest Products PPI Awards 2024, na categoria "Liderança em Sustentabilidade", além de ser apontada como a Marca Ambiental Gaúcha pelo terceiro ano consecutivo, através do Marcas de Quem Decide. O CEO do Grupo, Francisco Ruiz-Tagle, também vem acumulando indicações e reconhecimentos por suas ações voltadas para a sustentabilidade.

FABIANO PANIZZI/DIVULGAÇÃO/JC

Entre os fatores que têm dado notoriedade à empresa está o uso da hidrovia como modal de transporte

PORTOS RS/DIVULGAÇÃO/JC

Portos RS desenvolve uma série de programas ambientais; em Rio Grande merecem destaque o monitoramento da qualidade da água, do ar, sedimentos, ruídos e vibrações

Porto de Rio Grande é referência na área ambiental brasileira

No contexto histórico do licenciamento ambiental portuário, o Porto do Rio Grande tornou-se referência na área ambiental sendo o primeiro a obter uma Licença de Operação (LO) emitida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), além de ter sido pioneiro na implantação de um programa de Educação Ambiental (ProEA) permanente e continuado. Ao longo dos anos o atendimento das condicionantes ambientais da LO do Porto do Rio Grande, mais especificamente os monitoramentos ambientais continuados, vem ganhando destaque no cenário nacional, além de estabelecer e aprimorar metodologias.

No ano passado, por exemplo, a Portos RS – empresa pública responsável por organizar, gerenciar e fiscalizar todo sistema hidroportuário do Rio Grande do Sul – foi premiada com o terceiro lugar da categoria artigo técnico-científico do prêmio concedido pela Autarquia Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), considerado de relevância para o setor.

De acordo com Henrique Ilha, diretor de meio ambiente da Portos RS, o artigo abordou as metodologias de última geração aplicadas em Rio Grande, além de um breve relato sobre a evolução histórica do Programa de Monitoramento Ambiental Continuado do Porto do Rio Grande no período de 2006 a 2023, destacando o compromisso, o entendimento e manejo adequado das questões ambientais em áreas portuárias.

Para atender essas demandas, a Portos RS desenvolve uma série de programas ambientais. Em Rio Grande merecem destaque o monitoramento da qualidade da água, do ar, sedimentos, ruídos e vibrações. Ilha explica que não houve uma mudança na política ambiental dos portos gaúchos pós enchente. "O aprimoramento já vem acontecendo ao longo dos anos. A instituição da empresa pública trouxe uma estrutura sólida e qualificada para a gestão portuária com planejamento estratégico e visão de futuro", afirma ele.

Uma parceria com a Universidade Federal do Rio Grande (Furg) está auxiliando no aprimoramento dos estudos de modelagem hidrossedimentar da hidrovia da Lagoa dos Patos com foco em eventos extremos e também a implantação de uma rede linimétrica para inferir a variação de nível ao longo da lagoa, além do monitoramento continuado da linha de costa e de estabilidade dos molhes da barra.

Para avaliar a estabilidade, foram instalados pinos incrustados na estrutura que servirão de referência para medições com equipamentos à laser, além de auxiliar nas medições feitas com drones de alta definição. O diretor de meio ambiente explica que estão previstas batimetrias nos taludes dos molhes, avaliando possíveis deslocamentos e viabilizando a projeção de obras saneadoras, se necessário. Junto com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) a empresa está ampliando a instalação de linígrafos - equipamentos automáticos que registram a variação dos níveis de água - nos rios acima de Porto Alegre. Ilha informa que o porto de Estrela já conta um novo equipamento desse tipo.

Com relação a estratégias futuras em uma abordagem de base ecossistêmica, o dirigente cita um seminário de planejamento utilizando a estrutura clássica Drive, Pressure, State, Impact, Response (DPSIR) – na qual se observa e analisa a relação entre fatores sociais e ambientais – que auxiliará os portos fluviais e canais a incluírem em seu planejamento, estratégias que os tornem mais resilientes.

"Importante destacar que todos os dados gerados serão públicos, pois eles têm grande aplicabilidade para diversos órgãos, como Sema, Defesa Civil, além das instituições de ensino e pesquisa do Rio Grande do Sul que atuaram na linha de frente no enfrentamento aos eventos climáticos extremos que resultaram nas cheias históricas do estado", observa Ilha.

Internamente, a Portos RS vem realizando serviços de limpeza e descarte de materiais, em especial no Porto de Porto Alegre, além de reavaliar as suas estruturas críticas para futuros eventos extremos. Por exemplo, subestações e geradores em áreas mais elevadas, redução de área operacional ociosa, sistemas de alarme e treinamentos.

Mesmo com as enchentes históricas, o Porto do Rio Grande não parou sua operação, e se manteve escoando a produção. Neste contexto, independente do cenário pós enchentes, será implementado o Serviço de Tráfego de Embarcações – auxílio eletrônico à navegação, com capacidade de monitorar o tráfego para ampliar a segurança da navegação e a proteção ao meio ambiente. Além disso, deverá ser instalado um Sistema de predição ambiental onde serão gerados produtos meteorológicos com até sete dias de antecedência o que dará mais segurança às embarcações que chegam e saem do Porto do Rio Grande, "dando suporte ao desenvolvimento econômico do Estado", finaliza Ilha.

** Carmen Carlet é jornalista formada pela Famecos, Pucrs. Atuou como colunista, repórter e correspondente de veículos especializados em propaganda e marketing. Atualmente, trabalha com assessoria de comunicação, produção de conteúdo e conexões criativas.*